



A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POR ENTRE INTERAÇÕES, BRINCADEIRAS, EXPLORAÇÕES E DESCOBERTAS

ROSÁRIO, Elaine de Holanda¹
SILVA, Viviane dos Reis²
BRAGA, Thaís Mayara da Silva³

Grupo de Trabalho (GT): GT 2 – Infâncias, Juventudes e Processos Educativos

RESUMO

Busca-se compreender como a organização dos espaços na educação infantil atua como potente aliado para acolher e mobilizar as ações das crianças bem pequenas. Considerando que as crianças são competentes, ativas e ricas, principalmente, quando estão inseridas em um ambiente favorável à sua atuação social e contam com a parceria de professoras que acompanham e compartilham sua trajetória de desenvolvimento e aprendizagem. Trata-se de um relato de experiência, elaborado a partir de registros feitos durante brincadeiras e interações no agrupamento etário denominado Maternal II A (crianças de 3 anos), composto por 16 crianças e duas professoras, localizado em Maceió/AL. Os dados evidenciam que a organização de ambientes atraentes e aconchegantes é como afirma Gandini, entendê-los como “um terceiro educador”, que convida as crianças a desenvolverem experiências significativas, acolhendo as expressões das crianças, possibilitando a exploração e infinitas descobertas em sua poética aventura de conhecer o mundo e interpretá-lo cotidianamente.

Palavras-chave: Brincadeiras e interações. Creche. Crianças bem pequenas. Educação Infantil. Espaços.

INTRODUÇÃO

A organização dos espaços e materiais é essencial para as experiências infantis, bem como, os processos de desenvolvimento e aprendizagem das crianças durante a sua jornada cotidiana na instituição da educação infantil e para a construção da sua autonomia e relações com seus pares e adultos (Brasil, 2010).

Há inúmeras formas de se pensar e organizar ambientes potentes para as crianças desde bebês basta que, se garanta os princípios comuns à organização dos espaços, tais como: os espaços apelam aos sentidos das crianças, são atraentes e convidativos; acomodam diversos tipos de interações e brincadeiras; os objetos e materiais são apropriados, suficientes e contemplam as diversidades sociais, culturais, étnico-raciais e linguísticas das crianças, famílias e comunidade regional; a acessibilidade aos móveis e materiais é garantida; é levado em conta as necessidades físicas, emocionais, cognitivas, sociais, próprias de cada idade. É preciso também

¹ Rede Pública Municipal de Maceió. E-mail: elainerosario@semed.maceio.al.gov.br

² Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: vivianereys@hotmail.com

³ Rede Pública Municipal de Maceió e Rio Largo. tmayarab@hotmail.com



considerar que cotidianamente, as crianças bem pequenas comunicam com seu corpo, o tempo todo sobre seus interesses e necessidades, por meio de suas expressões, gestos e movimentos no contexto de relação ao qual está inserida (Maceió, 2015).

Nesse sentido, este trabalho busca compreender como a organização dos espaços na educação infantil atua como potente aliado para acolher e mobilizar as ações das crianças bem pequenas. Os dados foram produzidos a partir de registros realizados nas práticas cotidianas do agrupamento etário denominado Maternal II A (3 anos de idade), durante sua jornada diária em uma instituição de educação infantil da rede pública municipal de Maceió/AL.

Gostaríamos de destacar que nosso trabalho é fundamentado nas proposições das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil – DCNEI (2010); Orientações Curriculares para Educação Infantil da Rede Municipal de Maceió (2015) e no Referencial Curricular de Maceió para Educação Infantil (2020). Nesse contexto, desenvolvemos uma abordagem educativa que valoriza a importância de organizar os espaços da instituição de educação infantil para promoção das ações e potencialidades das crianças, bem como, seus interesses e necessidades, transformando-os em ambientes que pulsam interações e brincadeiras, sendo assim, compreendidos para além das suas materialidades, tendo professoras atentas, sensíveis e responsivas aos anseios das crianças.

A seguir, vamos apresentar nosso percurso metodológico, destacando a importância da documentação pedagógica na elaboração dos dados. Discutiremos como a organização em áreas de interesses aconchegantes é uma potente aliada para atrair os interesses das crianças, promover a sua autonomia, o desenvolvimento, as aprendizagens e exercer seus processos de autoria. Em seguida, encaminharemos nossa reflexão para as considerações finais, reafirmando a organização dos espaços como uma dimensão curricular importante para o desenvolvimento de brincadeiras e interações que favorecem as aprendizagens das crianças.

A PRODUÇÃO DE NARRATIVAS DO COTIDIANO NA CRECHE: REFLEXÕES A PARTIR DA DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA





Este relato de experiência foi elaborado a partir de registros (observações, anotações, fotografias) feitos durante brincadeiras e interações nas práticas cotidianas do grupo Maternal II A (crianças de 3 anos), composto por 16 crianças e duas professoras, localizado em Maceió/AL, durante o ano letivo de 2022. É importante destacar que o uso das imagens das crianças para fins de publicação contou com a autorização dos responsáveis, concedida por meio de termo assinado no momento da matrícula institucional.

Nosso olhar foi orientado pelos princípios da documentação pedagógica, uma estratégia pedagógica, que visa narrar, interpretar e refletir sobre os trajetos percorridos pelas crianças bem pequenas na instituição de educação infantil, nos ajudando a redesenhar caminhos, construir memórias e fortalecer as autorias do grupo de crianças do Maternal II A. Nessa ótica, como pontuam Fochi e Pinazza (2018, p. 19) “[...] a documentação pedagógica se assenta em uma eleição do que merece ser documentado, da interpretação possível do que se toma como objeto de observação e de registro em um dado contexto”. Evidenciando assim, uma prática docente fundamentada na escuta atenta e sensível aos sujeitos que a integram e “que acolhe o universo das crianças na construção das suas jornadas de aprendizagem, repositionando o papel do adulto na relação educativa” (Pinazza; Fochi, 2018, p. 13). Fortalecendo desse modo, uma identidade própria da educação infantil.

Em diálogo com o exposto, a escuta é essencial nesse processo. Segundo Rinaldi (2016), a escuta vai além da audição, envolve uma conexão com o outro, trata-se da presença, da entrega, do engajamento interessado pelas múltiplas formas das crianças de se expressar e estar no mundo, por meio de uma observação atenta e sensível as suas potencialidades infantis.

Nessa trilha de proposições, na próxima seção, apresentaremos uma mini-história⁴ protagonizada pelas crianças do Maternal II A, com o objetivo de refletir, interpretar e valorizar as potencialidades das crianças da Educação Infantil em um ambiente rico, que potencializa e acolhe suas ações.

AMBIENTES DE ENCONTROS, APRENDIZAGENS E AUTORIAS DAS CRIANÇAS

⁴ As mini-histórias são pequenas narrativas que buscam dar visibilidade ao cotidiano, ações e aprendizagens das crianças por meio de palavras e narrativas visuais. Elas surgem na década de 1980, em Reggio Emilia, região da Itália, a partir das proposições de Loris Malaguzzi, referência internacional para construção de práticas educativas na Educação Infantil. (Fochi, 2019).



A organização dos espaços em áreas de interesses das crianças é a melhor forma de torná-los atraentes e convidativos as meninas e os meninos da instituição da educação infantil. Este tipo de disposição de mobílias e materiais diversos arrumados em contextos educativos diferentes aumenta “a capacidade da criança de tomar iniciativa, fazer escolhas, desenvolver sua autonomia e estabelecer relações com seus pares, [...] se engajar em projetos cada vez mais complexos e, assim, desenvolver a sua autoestima e autoconfiança” (Maceió, 2025, p. 138). Ou seja, gradativamente as crianças vão adquirindo em seu cotidiano uma consciência de que conseguem fazer coisas sozinhas e na companhia dos outros.

Para Horn (2017), a organização de ambientes na educação infantil revela concepções da infância, da criança, da educação, dos processos de aprendizagens. Sua construção nunca é neutra, é como um parceiro pedagógico da professora da educação infantil. Nesse sentido, ele deve refletir a cultura, as vivências, as necessidades e interesses das crianças que habitam nele. Contribuindo significativamente para as aprendizagens e os processos de desenvolvimentos vividos pelas crianças em sua jornada durante sua vida cotidiana na instituição de educação infantil.

A organização de ambientes que provoquem a interação como as diferentes áreas de atuação social supera a ideia padronizada das ações, oportunizando experiências particulares que atendem aos interesses individuais e superam as práticas adultocêntricas em um respeito aos ritmos singulares, possibilitando experiências significativas e prazerosas para crianças e educadores. (Agostinho, 2015).

Os termos “espaço” e “ambiente”, embora estejam intimamente ligados trazem significados distintos. “Espaço” “refere-se aos locais onde as atividades são realizadas e caracteriza-se pela presença de elementos, como objetos, móveis, materiais didáticos e decoração”. Já, “ambiente” “diz respeito ao conjunto desse espaço físico e às relações que nele se estabelecem, as quais envolvem os afetos e as relações interpessoais dos indivíduos envolvidos nesse processo, ou seja, adultos e crianças” (Horn, 2017, p. 18).

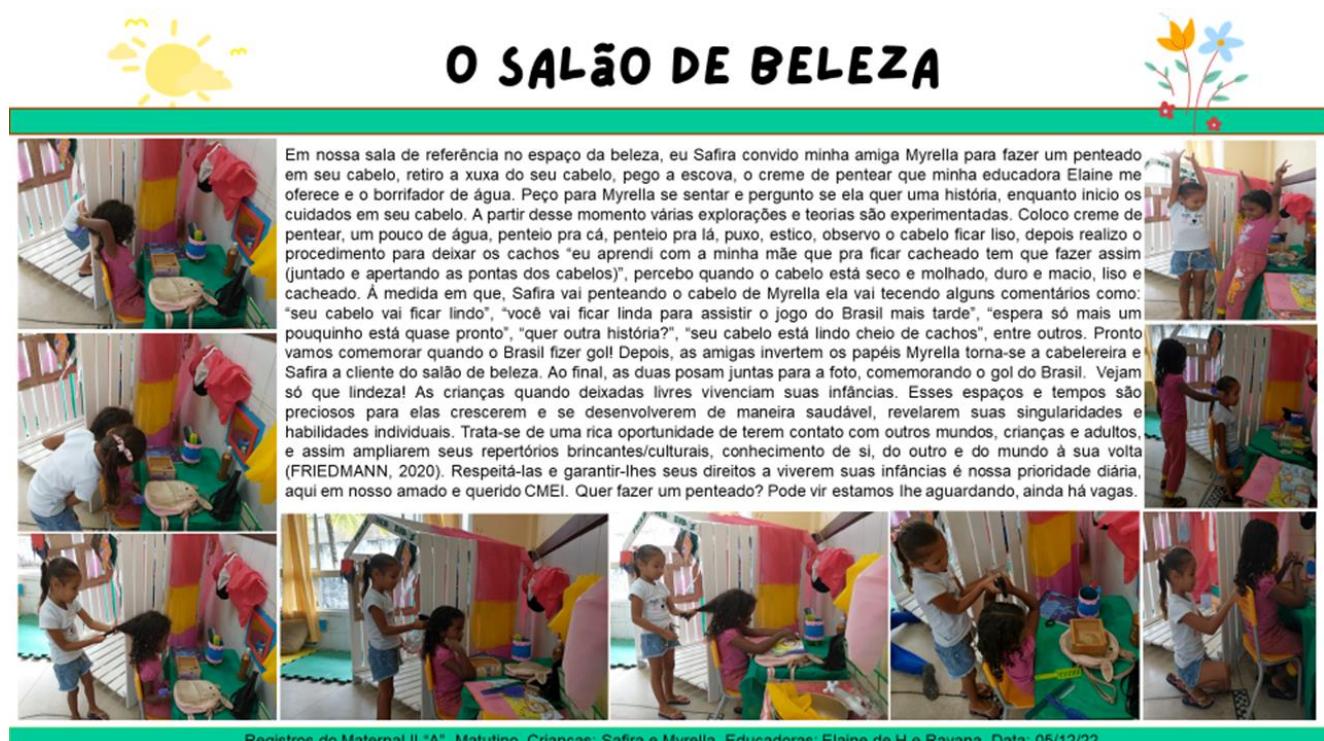
Essa organização se constitui em um elemento poderoso do currículo. Podendo ser estimulante ou limitador de aprendizagens, dependendo das estruturas



disponíveis e das linguagens representadas nele. Quanto mais ele permitir que as crianças se descentrem do adulto, mais promoverá novas e significativas aprendizagens. Já que, a intencionalidade da professora se fará presente na seleção dos materiais tendo como ponto de partida as características do grupo de crianças, sua faixa etária, a cultura que as crianças estão inseridas, as necessidades e interesses infantis, e as diferentes linguagens a serem construídas (Horn, 2017).

Nesta seção buscaremos compreender a organização de ambientes na educação infantil como uma potente dimensão curricular para o desenvolvimento de brincadeiras e interações que favorecem as aprendizagens das crianças. Teceremos tais considerações a partir da observação e reflexão atenta e sensível das atuações das crianças, narradas a partir de uma mini-história apresentada a seguir.

Figura 01 – Mini-história “O salão de beleza”



Fonte: Registros da professora Elaine de Holanda Rosário, 2022.

Na mini-história destacada acima, percebemos que a organização intencional do espaço provocou convites a interações e brincadeiras que suscitaram os fazeres-saberes das crianças, evidenciando seus processos de autoria. Deste modo, o espaço se transforma em ambiente, pois se configura como cenário importante para viver e construir as culturas das infâncias. Nesse trilhar, é visível o quanto Safira e Myrella

reafirmam a concepção de criança competente, ativa, são atores sociais que, “nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (Brasil, 2010, p. 12).

Desse modo, é possível perceber, conforme Mello (2004), ao relatar os estudos de Vygotsky, o quanto a imaginação passa a exercer um papel fundamental no comportamento e no desenvolvimento humano, tornando-se um meio de ampliação das experiências das crianças, a partir das narrativas ou descrições produzidas por outras pessoas.

Ao brincarem de cabeleireira e cliente de um salão, suscitadas pelas materialidades dispostas, ambas revelam seus saberes sobre como tornar o cabelo mais cacheado; representam papéis sociais; utilizam o comportamento de leitora de livros; experimentam o ambiente como um espaço de encontros, aprendizagem sobre si e o outro; relacionam o arrumar o cabelo para um objetivo específico: “assistir ao jogo do Brasil”; tecem narrativas sobre o que compreendem de um salão de beleza e vivenciam suas infâncias com autonomia, liberdade e autoria, tendo, a mediação de uma professora parceira, respeitosa e responsável aos seus interesses e necessidades, ao passo que oferece elementos que potencializam a experiência cultural da brincadeira, registra, reflete e comunica sobre o cotidiano e potencialidades das crianças na Educação Infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi compreender como a organização dos espaços na educação infantil atua como potente aliado para acolher e mobilizar as ações das crianças bem pequenas. A experiência relatada evidenciou que, a organização dos espaços vai muito além, de uma simples disposição de móveis e materiais, trata-se de uma dimensão essencial do currículo. As relações estabelecidas e criadas pelas crianças nos ambientes observados indicam que o planejamento intencional dos espaços/ambientes tornam-se aliados potentes na promoção de interações, aprendizagens e descobertas, favorecendo a autonomia e os encontros. Essa constatação reforça a perspectiva de Agostinho (2015, p. 88) ao apontar que “ao brincar, as crianças representam os diversos papéis sociais presentes em seu





cotidiano ao mesmo que problematizam suas realidades criando novos significados". Neste cenário, a/o professor/a pode ser visto/a como mediador/a e organizador/a dos contextos que, de forma intencional e responsiva, se torna um/a acolhedor/a das expressões infantis, fortalecendo a autoria das crianças com um planejamento flexível e uma postura observadora e pesquisadora das relações.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Katia A. Creche e pré-escola é lugar de criança? In: MARTINS FILHO, Altino José (org.); TRISTÃO, Fernanda C. Dias (orgs.). **Criança pede respeito: ação educativa na creche e na pré-escola**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015. p. 81-96

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

FOCHI, Paulo et al. **Mini-histórias**: rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da Cultura Infantil – OBECI. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2019.

HORN, Maria da Graça Souza. **Brincar e interagir nos espaços da escola infantil**. Porto Alegre: Penso, 2017.

PINAZZA, Mônica A; FOCHI, Paulo S. Documentação pedagógica: observar, registrar e (re)criar significados. **Revista Linhas**, v. 19, n. 40, p. 184-199, 2018.

RINALDI, Carlina. A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emilia. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. (Orgs.). **As cem linguagens da criança**: a experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016. p. 235-247.

GANDINI, Lella. Espaços educacionais e de envolvimento pessoal. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. (Orgs.). **As cem linguagens da criança**: a experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016. p. 137-149.

MELLO, S. A. de. **A brincadeira de faz de conta: contribuições de Vigotski**. Revista Humanidades e Inovação, Palmas, v. 8, n. 68, p. 151-164, 2021. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/7036>>. Acesso em: 6 out. 2025.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Orientações curriculares para a educação infantil da rede municipal de Maceió**. Secretaria Municipal de Educação. Maceió: EDUFAL, 2015.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Referencial curricular de Maceió para educação infantil**. Secretaria Municipal de Educação. Maceió: Editora Viva, 2020.

